



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de inflação e arrecadação movimentam a semana no Brasil

Em semana com a agenda de indicadores pouco movimentada, destaque para os números de outubro da prévia da inflação (IPCA-15), que deve voltar a mostrar números mais pressionados. O índice será divulgado pelo IBGE na quinta (24), e a expectativa é de alta de 0,51% no mês, pressionado principalmente pelo acionamento da bandeira tarifária vermelha nível 2 nas contas de energia elétrica e pelos preços das carnes, impactados pela seca, que tem afetado o custo da energia e prejudicado a pastagem para o gado. Com o resultado, o índice deve voltar a acelerar em 12 meses, de 4,12% para 4,44%, se aproximando do teto da meta (4,50%) e com possibilidade não desprezível de fechar o ano acima deste patamar.

No campo fiscal, a Receita divulga (sem data definida) a arrecadação federal de impostos de setembro, que deve seguir mostrando números fortes, contribuindo para tornar mais provável o cumprimento da meta fiscal. A expectativa é que a arrecadação apresente crescimento real de 10,1% ante setembro de 2023, se mantendo impulsionada pelos bons desempenhos da atividade econômica e do mercado de trabalho, além do pagamento de impostos diferidos em razão das enchentes no Rio Grande do Sul. Vale destacar, no entanto, que os números fortes da receita não devem eliminar a necessidade de novos bloqueios de despesas discricionárias para o cumprimento da meta, dado o forte crescimento dos gastos obrigatórios.

A FGV divulga a sondagem dos consumidores referente ao mês de outubro na sexta (25), que pode mostrar os primeiros efeitos do novo ciclo de aperto monetário sobre a confiança das famílias. Importante observar se o índice manterá a tendência de alta observada nos últimos meses, sustentada até então pelo desempenho positivo do mercado de trabalho. Caso contrário, pode ser um sinal que o consumo possivelmente mostre algum arrefecimento neste último trimestre do ano.

A agenda do cenário internacional traz as prévias de outubro dos índices PMIs para os EUA e Europa, que serão divulgados na quinta-feira (24). Nos EUA, a atenção se volta para o indicador do setor de serviços, cuja dúvida é se seguirá trazendo leituras elevadas, indicando que o setor segue aquecido, ou se mostrará alguma moderação. Já na Europa, a expectativa é que os indicadores mostrem alguma melhora, especialmente no setor industrial, que está em patamar bastante deprimido.

Nos EUA também será divulgado o Livro Bege, relatório preparado pelo Fed com as percepções da economia por parte dos empresários e executivos. O relatório será divulgado na quarta (23) e pode indicar se houve alguma alteração no humor dos empresários após o início do ciclo de flexibilização monetária pelo Fed. Temas como percepção dos negócios/demanda, disponibilidade de mão-de-obra e custos de insumos/produtos devem estar no radar. Ao longo da semana também serão conhecidos dados do setor imobiliário e de confiança dos consumidores.

Por fim, ontem à noite, o Banco Central Chinês (PBoC) reduziu as taxas de empréstimo prime de 1 ano e 5 anos em meio a uma série de estímulos que o governo tem promovido para impulsionar a atividade do país. As taxas foram cortadas em 0,25 pp, acima do esperado (0,20 pp), atingindo 3,10% aa e 3,60% aa, nesta ordem, renovando a mínima histórica. Este é o segundo corte recente, dado que as taxas já haviam sido reduzidas em julho (em 0,1 pp).

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/out	IBGE: IPCA-15	Out/24	0,51% m/m 4,44% a/a	0,13% m/m 4,12% a/a
25/out	FGV: Sondagem do Consumidor	Out/24	-	93,7 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Set/24	10,1% a/a	11,9% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
20/out	China	Taxas de Empréstimo Prime (1 ano e 5 anos)	Out/24	3,15% aa / 3,65% aa	3,35% aa / 3,85% aa
23/out	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Out/24 – prévia	-12,8 pts	-12,9 pts
23/out	EUA	Vendas de casas existentes	Set/24	0,5% m/m	-2,5% m/m
23/out	EUA	Livro Bege	-	-	-
24/out	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Out/24 – prévia	45,1 pts / 51,5 pts	45,0 pts / 51,4 pts
24/out	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Out/24 – prévia	47,5 pts / 55,0 pts	47,3 pts / 55,2 pts
24/out	EUA	Vendas de casas novas	Set/24	0,6% m/m	-4,7% m/m
25/out	EUA	Pedidos de bens duráveis	Set/24	-1,0% m/m	0,0% m/m
25/out	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Out/24 – final	69,3 pts	70,1 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Proxies do PIB sinalizam moderação do crescimento da economia no 3º trimestre

As *proxies* mensais do PIB sugerem uma moderação da atividade no 3º trimestre, após um desempenho acima do esperado na primeira metade do ano. Os resultados, no entanto, não alteram a expectativa de uma expansão do PIB próxima a 3% em 2024.

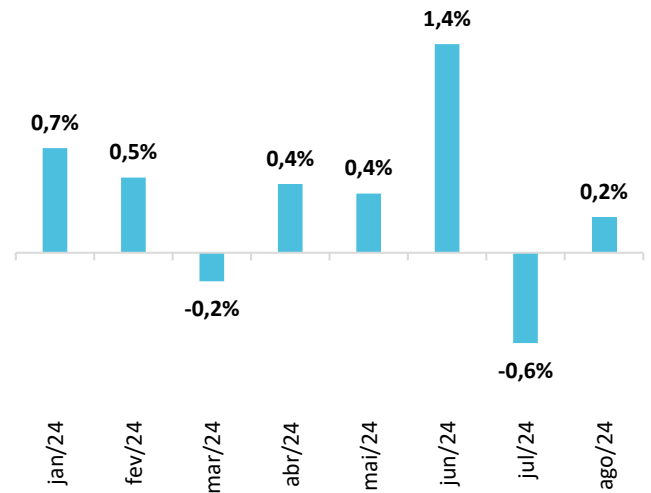
O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, subiu 0,2% em agosto, pouco acima do esperado pelo mercado (+0,1%). No mês, a ligeira alta do indicador refletiu o desempenho misto dos grandes setores, com avanço da indústria (+0,1%) e quedas do setor de serviços (-0,4%) e do varejo (-0,8%). Na comparação com ago/23, o IBC-Br subiu 3,1%.

Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, recuou 0,2% em agosto, a segunda queda seguida. Pela ótica da oferta, a retração da economia foi explicada pela estagnação da indústria (0,0%) e a queda dos serviços (-0,6%). Já pela ótica da demanda, a retração foi explicada pela queda nas exportações (-2,5%), que sofrem com os menores níveis de vendas de produtos agropecuários e da indústria extrativa. No entanto, os demais componentes avançaram no período, indicando que a demanda doméstica segue aquecida.

Em conjunto, as *proxies* do PIB mostraram alguma acomodação, mas nada que indique uma retração da atividade no período. Pelo contrário, o PIB deve seguir em expansão no 3º trimestre, mas de forma menos intensa do que a observada no 1º semestre. Neste sentido, tanto o IBC-Br como o Monitor do PIB apresentam carregamento estatístico positivo para o período, de 0,6% e 0,7%, respectivamente. O avanço deve seguir impulsionado pela demanda doméstica (especialmente das famílias), beneficiada pelo mercado de trabalho aquecido e expansão do crédito.

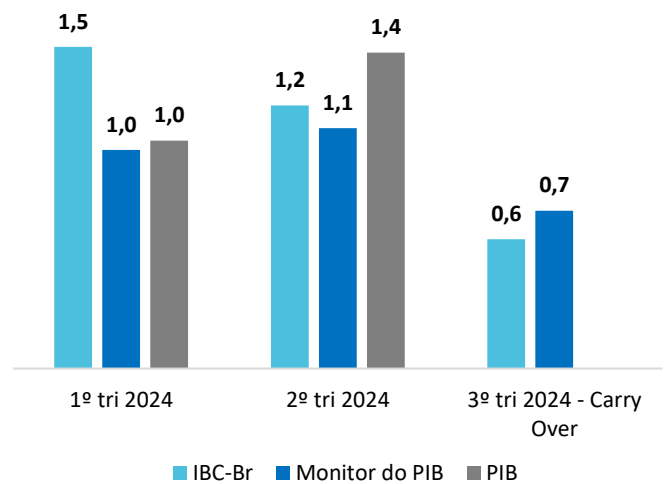
Quanto à inflação, o IGP-10 subiu 1,34% em outubro, mostrando forte aceleração ante o mês anterior (+0,18%) e sinalizando que a inflação deve seguir pressionada no curto prazo. O movimento foi puxado pela alta dos preços no atacado (IPA), que passou de 0,14% para 1,66% em outubro, puxado pelos itens agropecuários (de 0,88% para 3,78%), em especial, bovinos e carnes, cujos preços têm sido pressionados pelo efeito da seca. A inflação dos produtos industriais também acelerou (de -0,14% para 0,87%), liderada pelo minério de ferro (de -8,41% para 1,84%). Em 12 meses, o índice passou de 4,25% para 5,10%, maior nível desde o início de 2023.

Quadro 1: IBC-Br – Var.% Mensal



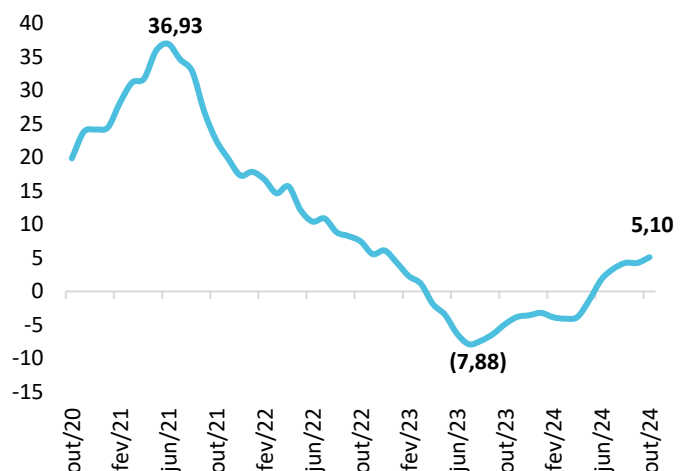
Fonte: BCB

Quadro 2: IBC-Br, Monitor do PIB e PIB – Var. % trimestral e Carry Over



Fonte: BCB, FGV e IBGE

Quadro 3: IGP-10 – Var. % Acum. em 12 meses



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Números positivos nos EUA e novos estímulos na China trazem nova rodada de otimismo

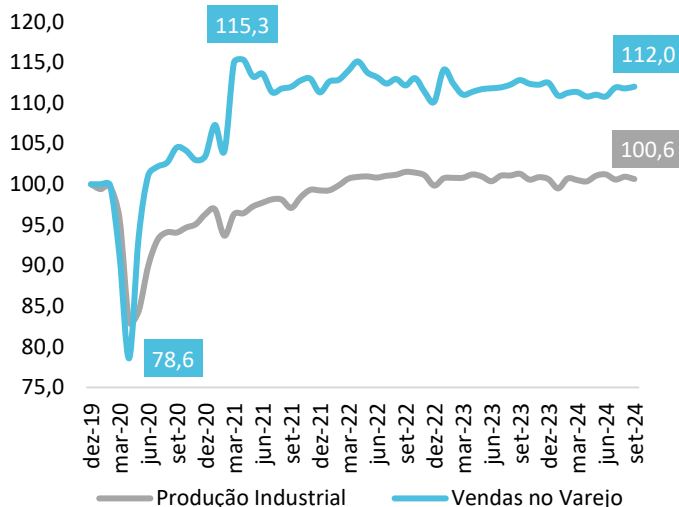
A semana foi marcada pela percepção que a atividade segue forte nos EUA, ajudando a sustentar o otimismo com os ativos de risco, que levou os índices S&P e Dow Jones a fecharem a semana na máxima histórica. Isso porque os balanços corporativos do 3º trimestre seguiram trazendo números positivos, enquanto os dados do consumo das famílias sugerem que o PIB norte-americano se manteve com bom ritmo de expansão no trimestre. Na China, apesar dos dados confirmarem que a economia do país segue em desaceleração, a indicação de novos estímulos pelo Banco Central Chinês (PBoC) reverteu parcialmente o mau humor, numa percepção que o governo tomará medidas mais enérgicas para reverter o atual quadro.

Com relação aos dados de atividade nos EUA, as vendas no varejo avançaram 0,4% em setembro, acima do esperado (+0,3%), liderada por itens de vestuário (1,5%) e saúde (+1,1%). Com isso, o índice subiu pelo 3º mês seguido, sugerindo um bom crescimento do consumo no trimestre. Por sinal, após o resultado, o Fed de Atlanta elevou sua previsão para o PIB do período para uma alta trimestral anualizada de 3,4%. A indústria, por sua vez, caiu 0,3% no mês e segue com menor ímpeto.

Na China, o PIB subiu 4,6% no 3T24 no comparativo com o mesmo período do ano anterior, um pouco acima do esperado (4,5%), mas, ainda assim, o menor avanço nos últimos seis trimestres. O resultado reflete a crise no setor imobiliário e a fraca demanda interna, diante da baixa confiança dos consumidores. Contudo, os dados de atividade de setembro mostraram números um pouco melhores do que o esperado e acima dos dados de agosto, com avanço interanual da indústria (+5,4%) e do varejo (+3,2%), sugerindo que os estímulos podem estar começando a surtir algum efeito. De toda forma, ainda é improvável que o governo cumpra a meta de crescimento de 5% neste ano.

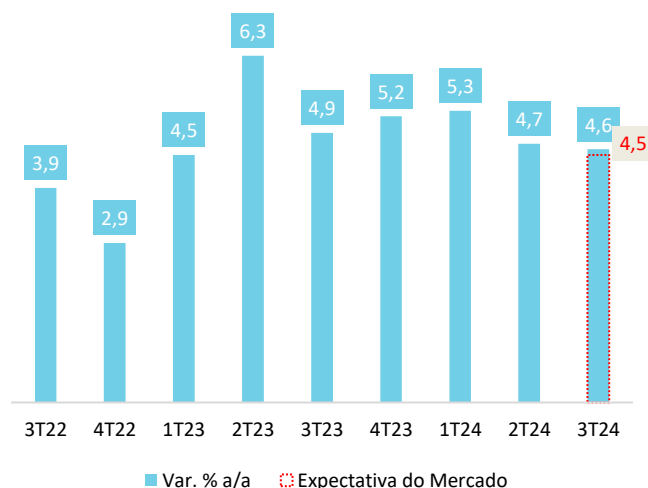
Na Zona do Euro, o BCE reduziu as taxas de juros de referência em 0,25 pp no continente, conforme esperado pelo mercado, levando a taxa de depósitos para 3,25% aa. Christine Lagarde, presidente da instituição, não deu indicações sobre a decisão de dezembro, mas destacou que está mais preocupada com a atividade econômica do que com a inflação, diante dos números bastante fracos da região, especialmente do setor industrial. A decisão ocorreu em meio à desaceleração da inflação (CPI), cuja leitura de setembro registrou queda de 0,1%, desacelerando para 1,7% em 12 meses (ante +2,2% em ago/24, após o dado ter sido revisado), abaixo da meta de 2%.

Quadro 4: EUA – Vendas no Varejo* e Produção Industrial Base 100 = Dez/2019



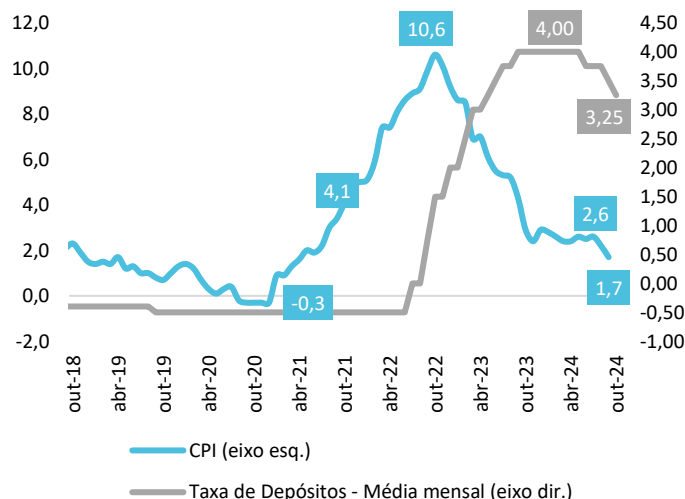
Fonte: Bloomberg. *Deflacionado pelo CPI

Quadro 5: China – PIB Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: Zona do Euro – CPI (Var.% a/a) e Taxa de Depósitos do BCE (% aa)



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão do crédito deve se manter estável em setembro

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,2% em setembro, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve se manter estável em 10,1%.

No mês, o crescimento deve se mostrar disseminado entre os recursos e segmentos. O crédito às empresas deve crescer 1,2%, com a maior alta vindo da carteira livre (+1,5%), beneficiada pela sazonalidade positiva das linhas de fluxo de caixa (desconto de recebíveis e antecipação de faturas), típica no fechamento de trimestre. Apesar do avanço, o resultado deve ser mais fraco do que o apresentado em 2023, o que deve gerar alguma perda de fôlego no ritmo de expansão anual da carteira PJ Livre (de 7,2% para 6,4%), que vinha acelerando nos últimos 4 meses. Já a carteira PJ Direcionada deve crescer 0,8% em setembro, puxada pelos financiamentos com recursos do BNDES e programas públicos.

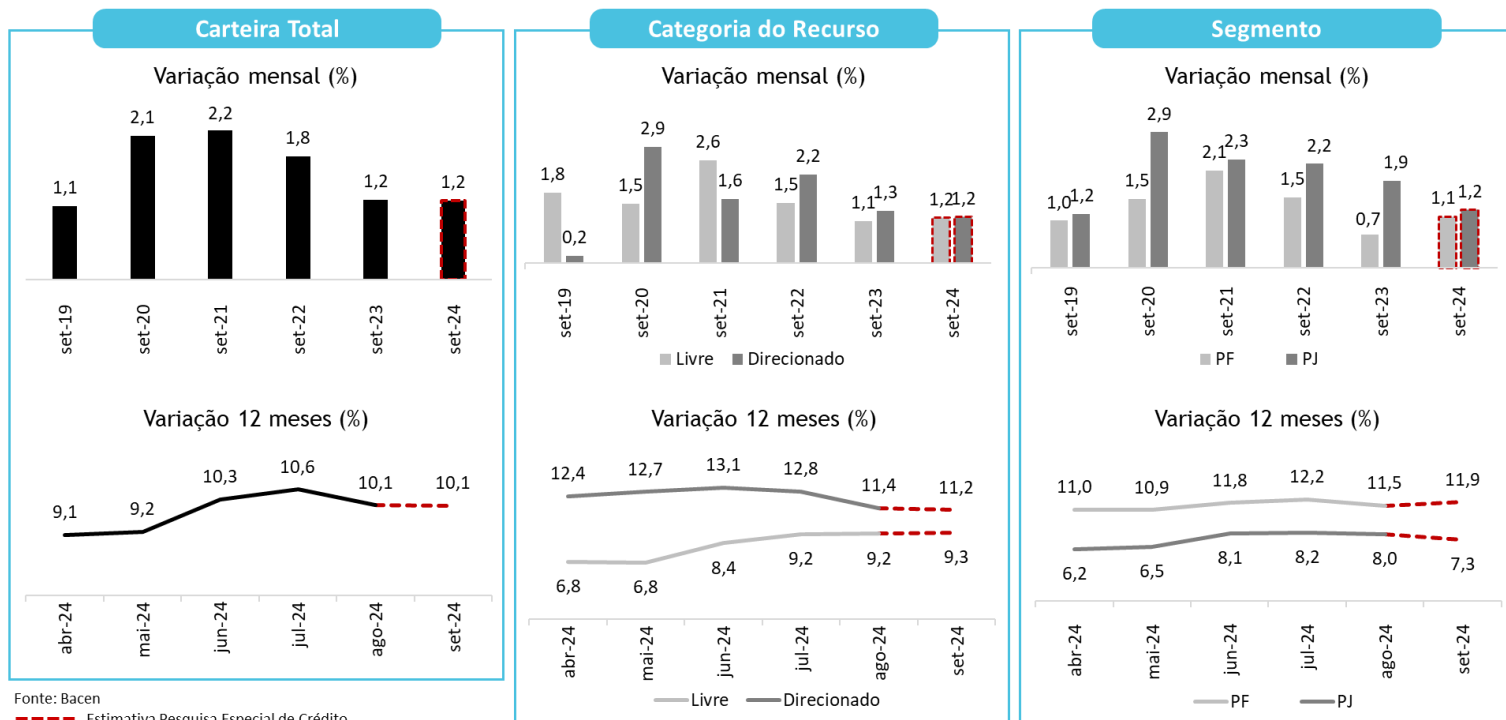
O crédito destinado às famílias, por sua vez, deve avançar 1,1% no mês. A maior alta deve vir da carteira PF Direcionada (+1,3%),

impulsionada pelo crédito rural (novo Plano Safra), ainda que abaixo da expansão observada nos últimos anos. Já a carteira PF Livre deve crescer 0,9%, com manutenção do avanço das linhas de financiamentos de veículos, crédito pessoal e cartão à vista, favorecidas pelo aumento do emprego e da renda. Com isso, a carteira PF Livre deve voltar a ganhar tração, acelerando de 10,7% para 11,6%, puxando o desempenho do crédito total às famílias (de 11,5% para 11,9%).

No geral, os números de setembro indicam que o mercado de crédito manteve seu bom dinamismo até o final do 3º trimestre, especialmente no segmento de recursos livres, mais sensível às condições econômicas. As surpresas positivas com o crescimento da economia e com o mercado de trabalho, que ainda se mostra aquecido, têm permitido uma maior expansão do crédito.

Apesar do novo ciclo de aperto monetário, a expectativa é que o ritmo de expansão do crédito se mantenha no patamar de dois dígitos até o fim do ano. Uma reversão deste quadro exigiria uma piora importante no cenário macroeconômico, algo que não está no radar, ao menos por enquanto.

Quadro 7: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta retração de 4,4% em setembro. Ajustando pelo número de dias úteis, no entanto, o volume de concessões deve ficar praticamente estável, em 0,1%.

A estabilidade no mês (ajustada por dias úteis) reflete, de um lado, o maior volume de operações com recursos livres (+0,8%), com destaque para o crédito destinado às famílias, diante de um cenário de forte aumento do consumo; e, do outro, queda das operações direcionadas (-4,3%).

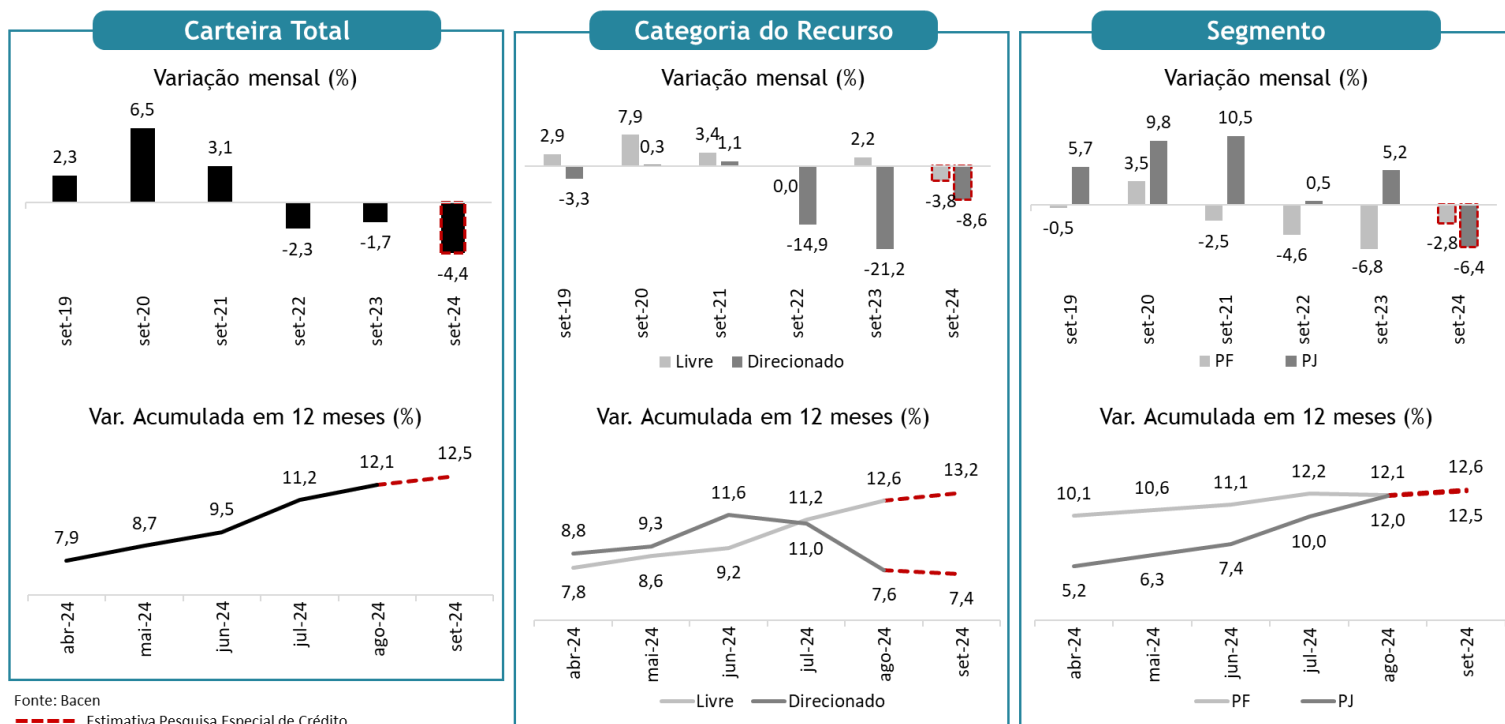
No caso das operações direcionadas, o menor volume na margem reflete a elevada base de comparação do crédito rural, devido ao maior volume de concessões do Plano Safra no início

do programa, bem como das linhas de financiamentos com recursos do BNDES e de “outros créditos direcionados” (que inclui os programas públicos), que foram impulsionadas nos últimos meses pelas medidas de auxílio ao Rio Grande do Sul.

Na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve seguir acelerando, passando de uma alta de 12,1% em agosto para 12,5% em setembro, reforçando o cenário positivo apresentado pelo mercado de crédito neste ano.

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 30 de outubro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 8: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/24

CRÉDITO / BANCOS

Os principais bancos dos EUA divulgaram seus resultados do 3º trimestre de 2024 e mostraram números melhores do que o esperado, ajudando a impulsionar as ações do setor. Contudo, os resultados mostraram que o ambiente de juros altos segue pressionando o custo de captação e apertando a margem financeira das instituições. Na mesma direção, as provisões para devedores duvidosos (PDD) seguem em alta, em meio ao aumento da inadimplência no cartão de crédito. Por outro lado, as receitas das unidades de banco de investimento tem mostrado recuperação, diante do início do ciclo de queda dos juros pelo Fed e alta nos preços das ações.

Quadro 9: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 3º tri/24

Indicadores	JP Morgan	BofA	Wells Fargo	Citi	Goldman Sachs
Lucro Líquido US\$ bi	12,9	6,9	5,1	3,2	3,0
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	4,37 (4,01)	0,81 (0,77)	1,42 (1,28)	1,51 (1,31)	8,40 (6,89)
ROE anualizado (trimestre)	16,0%	9,4%	11,7%	6,2%	10,4%
Receita US\$ bi	43,3	25,3	20,4	20,3	12,7
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	3,1	1,5	1,1	2,7	0,4
Carteira de Crédito US\$ bi	1.340,0	1.075,8	909,7	688,9	192 mi

JP MORGAN: O maior banco dos EUA registrou lucro líquido de US\$ 12,9 bi (ou US\$ 4,37 por ação) no 3T24, queda de 28,9% no trimestre e praticamente estável (-1,9%) ante o 3T23. A comparação com o trimestre passado é distorcida, pois contou com a conversão da participação na Visa em ações ordinárias, fato que levou a um lucro recorde (e não recorrente) no 2T24. O ROE anualizado, por sua vez, foi de 16,0%, ante 23,0% no trimestre anterior e de 18% no mesmo trimestre do ano passado.

As receitas atingiram US\$ 43,3 bi no 3T24, acima do esperado pelos analistas (US\$ 41,6 bi) e com alta de 6,5% no comparativo anual. Um dos destaques foram as receitas decorrentes de juros (*interest income*) que subiram 13,2% ante o 3T23 e levaram a uma alta de 3,0% na receita líquida de juros (*net interest income - NII*), que vinham pressionadas neste ano com o aumento do custo dos depósitos. As receitas também foram beneficiadas pelos ganhos da divisão do banco de investimentos, que subiram 31% no mesmo comparativo, diante da melhora das condições do mercado, em função do início do ciclo de queda dos juros pelo Fed. Além dos números positivos reportados, a instituição também elevou o *guidance* para as receitas de 2024.

As despesas com PDD seguem como ponto de atenção, ao atingirem US\$ 3,1 bi, estáveis no trimestre, mas mais do que o dobro do valor do 3T23 (US\$ 1,4 bi). A empresa reportou US\$ 2,1 bi em baixas e construiu reservas para perdas futuras de US\$ 1,0 bi. De toda forma, o banco apontou que os consumidores seguem com boa capacidade de pagamento e o aumento das provisões decorreu do crescimento da carteira de cartão de crédito. Como comparação, enquanto a carteira total de crédito cresceu apenas 2,3% em 12 meses, a carteira de cartão avançou 11,5%. Ao mesmo tempo, o índice de atrasos/inadimplência (acima de 30 dias) no produto apresentou uma deterioração moderada, passando de 1,94% para 2,20%. Por fim, as despesas operacionais subiram 3,7% no comparativo anual, voltando a um patamar de crescimento mais controlado após a aquisição do banco *First Republic* no 2T23, quando vinham subindo a um ritmo de 16%.

CITI: O banco registrou um lucro líquido de US\$ 3,2 bi no 3T24, equivalente a US\$ 1,51 por ação e acima do esperado (US\$ 1,31). O resultado representou praticamente estabilidade no trimestre (+0,7%), mas uma queda de 8,7% ante o mesmo período de 2023. Com isso, o ROE atingiu 6,2% em termos anualizados (ante 6,7% no 3T23), se mantendo bem abaixo de seus pares. As receitas atingiram US\$ 20,3 bi no trimestre, acima do esperado (US\$ 19,8 bi), mas com alta de apenas 0,7% ante o 3T23. O desempenho positivo foi puxado pelo banco de investimento (+31,4%), impulsionado pela emissão de dívida no mercado de capitais. Já a margem líquida de juros (NII) caiu 3,4% na mesma comparação, pressionada pelo aumento do custo dos depósitos.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/24

Os gastos com PDD subiram 45,4% em 12 meses, atingindo US\$ 2,7 bi, em função das maiores perdas com o cartão de crédito, além do crescimento e alteração do *mix* da carteira, segundo o Citi. As despesas operacionais voltaram a cair (-1,9%) em 12 meses, refletindo a reestruturação e os desinvestimentos feitos pela IF. Já a carteira de crédito do Citi subiu 3,4% em 12 meses, chegando a US\$ 688,9 bi.

BOFA: O banco registrou um lucro líquido de US\$ 6,9 bi no período (US\$ 0,81 por ação), acima do esperado (US\$ 0,77). O resultado representa estabilidade no trimestre, mas queda de 12,2% ante o 3T23. A rentabilidade (ROE), por sua vez, atingiu 9,4% em termos anualizados, também aquém do observado no 3T23 (11,2%).

As receitas atingiram US\$ 25,3 bi, em linha com o esperado e estável (+0,7%) ante o 3T24. A estabilidade refletiu, de um lado, a alta (+8,3%) dos ganhos do segmento de gestão de investimentos, que contaram com maiores volumes de ativos sob gestão; e, por outro, da leve queda (-0,5%) do segmento de varejo, em função do recuo da margem líquida (-2,9%). Do lado das despesas, os gastos com PDD subiram 25,0% ante o 3T23, atingindo US\$ 1,5 bi, com alta de 37,9% da PDD em cartão de crédito. Já as despesas operacionais subiram 4,0% em um ano. Por fim, a carteira de crédito da IF subiu 2,5% em 12 meses, atingindo US\$ 1.076 bi.

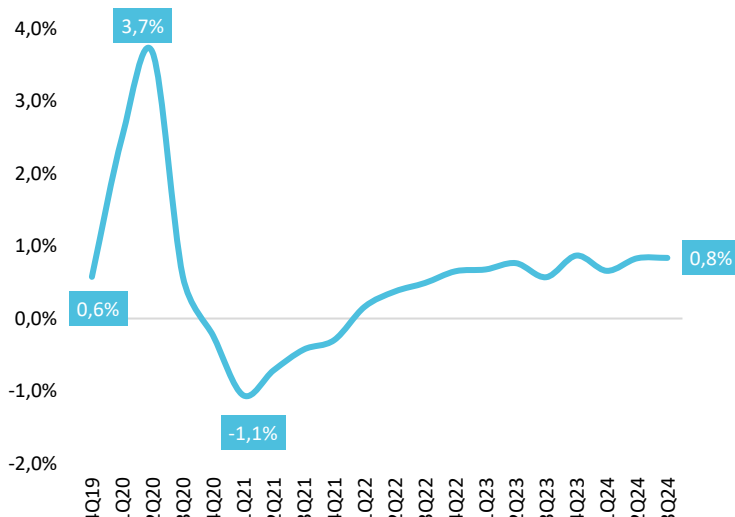
WELLS FARGO: registrou um lucro líquido de US\$ 5,1 bi no 3º trimestre, alta de 4,2% no trimestre e queda de 11,3% em 12 meses. O lucro por ação foi de US\$ 1,42, acima do esperado pelos analistas (US\$ 1,28). O resultado equivale a um ROE anualizado de 11,7% no 3T24, praticamente estável (+0,2 pp) no tri e com queda de 1,6 pp ante o 3T23.

A receita total atingiu US\$ 20,4 bi, em linha com o esperado, e correspondendo a uma queda de 2,4% em 12 meses. O resultado foi puxado pela nova queda (-10,8% ante o 3T23) da margem líquida de juros (NII), diante do crescimento bem mais intenso das despesas com juros (+25,8%) em relação aos ganhos no período (+4,1%). O movimento decorre da migração por parte dos clientes para depósitos mais rentáveis, em função do quadro de juros mais elevados, pressionando o custo de *funding* das IFs. Já a PDD atingiu US\$ 1,1 bi, com queda de 11,0% em 12 meses, com a redução das perdas esperadas das demais linhas compensando a alta nas provisões para o cartão de crédito. Por fim, a carteira de crédito atingiu US\$ 909,7 bi (-3,5% ante o 3T23).

GOLDMAN SACHS: o lucro líquido do banco foi de US\$ 3,0 bi, ou US\$ 8,40 por ação, acima do esperado (US\$ 6,89). O resultado representa uma leve queda no tri (-1,7%), mas uma expressiva alta em 12 meses (+45,3%). Com isso, o ROE atingiu 10,4% (anualizado), subindo 3,3 pp no ano. No mesmo comparativo, a receita subiu 7,5%, chegando a US\$ 12,7 bi, acima do esperado pelo consenso (US\$ 11,8 bi). O desempenho foi puxado pelo banco de investimento (+19,9%) e pela área de negociação de ações e gestão de recursos (+10,0%), em meio ao ambiente favorável para o mercado de capitais.

Os principais bancos de varejo dos EUA tem apresentado elevação dos gastos com PDD (exceto o Wells no trimestre), em função do aumento da inadimplência e do crescimento da carteira liderada pelo cartão de crédito. Em conjunto, os gastos anualizados com PDD dos 4 bancos atingiram 0,8% do total da carteira no 3T24, maior nível desde o auge da pandemia. De toda forma, o patamar atual ainda é contido (ante 0,6% antes da pandemia e do pico de 3,7% no 2T20) e não parece ser uma ameaça latente para a rentabilidade do setor bancário dos EUA. Contudo, a provável desaceleração da atividade, especialmente, do mercado de trabalho é um risco importante a ser observado pelas IFs e pode pressionar os resultados de 2025.

Quadro 10: Gastos com PDD anualizados / Carteira de Crédito* (JP Morgan, BofA, Citi e Wells Fargo) – Em %



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	18/10/24	11/10/24	20/09/24	Viés	18/10/24	11/10/24	20/09/24	Viés
IPCA (%)	4,50	4,39	4,37	▲	3,99	3,96	3,97	▲
PIB (% de crescimento)	3,05	3,01	3,00	▲	1,93	1,93	1,90	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,50	↔	11,25	11,00	10,50	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,42	5,40	5,40	▲	5,40	5,40	5,35	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	18/10/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,69	1,46%	4,47%	17,21%	12,53%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	152,97	-1,25%	0,28%	15,48%	-17,70%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,88	0,92%	2,06%	-6,63%	-12,34%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,58	0,65%	3,32%	25,35%	12,64%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,97	1,08%	4,04%	28,72%	12,86%
Índice Ibovespa (em pontos)	130.499,26	0,39%	-1,00%	-2,75%	14,41%
IFNC (setor financeiro)	13.346,47	1,61%	-0,32%	-3,31%	19,78%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,00	0,00%	0,00%	-9,09%	-9,09%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,95	-0,18%	8,44%	-7,10%	-23,46%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,08	-0,43%	7,98%	5,25%	-18,18%
Dollar Index	103,49	0,59%	2,69%	2,13%	-2,60%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.864,67	0,85%	1,77%	22,95%	37,09%
Índice de ações de bancos – EUA	118,84	3,14%	4,95%	8,51%	38,28%
Índice Euro Stoxx 50	4.986,27	-0,35%	-0,28%	10,28%	21,90%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	148,10	2,05%	2,00%	25,14%	36,06%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	73,06	-7,57%	1,80%	-5,17%	-20,91%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira